



JARDIM NÃO ACREDITA EM AMEAÇAS

Presidente do Governo Regional diz que escala inaugural do "Queen Mary 2" resulta do reforço da promoção

Jardim diz que a escala resulta do «reforço da promoção turística internacional do porto do Funchal como destino de cruzeiros». Quanto às ameaças de bomba, afirmou: «Há algumas pessoas que pensam que têm humor mas são chaladas da cabeça.»

"queen mary 2" na madeira

Funchal despediu-se do "vapor"

A relação dos madeirenses com os navios não se resume à aritmética da receita turística; é um fascínio que vem de longe

MANUEL NICOLAU



O "Queen Mary 2" chegou à Madeira com o nascer do dia e deixou o porto do Funchal ao pôr-do-Sol. Uma passagem rápida, mas significativa, na viagem inaugural.

Jorge Freitas Sousa
jfsousa@dnoticias.pt

Das velas, aos vapores, aos transatlânticos, ao modesto rebocador. Desde sempre os madeirenses se sentiram atraídos pelos navios e prestaram-lhes homenagem. Invenções fantásticas que iludiam o isolamento e davam a sensação de que o Mundo também passava por aqui. Que não estávamos perdidos no meio do Atlântico e que, nem que fosse só em sonhos, também podíamos viajar. "Nesses barcos a chegar", como cantaria Max.

Deve ter sido esta tradição "genética", aliada a toda a publicidade e cobertura mediática - no continente só "descobriram" na quarta-feira que o navio passava por cá, mas... - que levou milhares a acordar muito cedo para receber o "Queen Mary 2". E muitos mais a encherem a Avenida do Mar e o calhau, na despedida do maior paquete do Mundo. Depois de uma "visita de médico" de algumas horas que se repetirá, lá para Abril.

Máquinas fotográficas, das tradicionais às digitais e até aos telemóveis especiais de corrida, tudo serviu para registar a passagem pelo nosso porto da última maravilha do mar. Era o "cromo" do momento e esta

terra de entusiastas de navios não podia perder.

Às seis da tarde - muita gente deve ter "roubado" umas horas ao patrão - eram milhares a acotovelarem-se para ver partir o novo "Titanic". Pelo menos foi assim que muitas crianças lhe chamaram e desenharam. "Sou o rei do mundo!", podia ler-se num dos desenhos na montra do DIÁRIO.

A praia do cais encheu-se, recordando os tempos em que os "vapores do Cabo" aportavam e os passageiros eram transportados em canoas. O fascínio foi o mesmo, só que agora era para saber se o comandante conseguia fazer a "tangente" à Pontinha. E fez, para alegria de todos os que, armados em conhecedores, sabiam que o paquete tinha direcção assistida e mais não sei quantos turbos.

Milhares encheram a Avenida do Mar e o calhau, ao longo de todo o dia, para ver o maior paquete do Mundo. A tradição ainda é o que era...

Na Pontinha estavam menos, porque o dispositivo de segurança, essa invenção dos nossos tempos, obrigou a manter distâncias rigorosas. Por isso, não foi possível recordar as tardes de despedidas dos anos sessenta. As lágrimas que marcavam o adeus aos que emigravam, a bordo do Santa Maria, ou aos jovens que seguiam, no Vera Cruz e no Príncipe Perfeito, para uma guerra que ficava longe. Era o tempo em que o mar levava.



Ao longo do dia e, principalmente, na hora do partida, o novo "Titanic" foi o centro das atenções.